

459

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Departamento de Ciências Humanas – CAMPUS IV

Curso de Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa

*As vozes e as faces da  
escritura epistolar*

*Israela Oliveira Sampaio Gonçalves*

Jacobina, agosto de 2004

# *As vozes e as faces da escritura epistolar*

“Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia –  
UNEB, como exigência parcial do Curso de Especialização em  
Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa oferecido pelo  
Colegiado de Letras do Departamento de Ciências Humanas do  
Campus IV: UNEB – Jacobina”

# *Dedicatória*

À professora e amiga Dalva Almeida, que me  
revelou uma parte de sua vida por meio da escrita  
epistolar, colaborando preciosamente para a  
realização deste estudo.

## Resumo

À primeira vista, com o prenúncio da sociedade informática, a idéia que muitos tem é de que o gênero epistolar e a arte da correspondência já estão superados pelas novas tecnologias eletrônicas. Na contemporaneidade, a missiva, considerada, muitas vezes, como escrita ordinária, vem sendo estudada mais intensamente, comprovando que o ato quase extinto de escrever e receber cartas caracteriza-se por estar recheado de práticas culturais, hábitos, valores e conhecimentos de caráter confidencial e histórico. Assim, como qualquer outro estudo epistolográfico, este busca detectar e analisar nas cartas rastreadas na comunidade calmonense os aspectos culturais e lingüísticos que colaboram para a re-construção/des-construção da identidade cultural dos sujeitos, revelando, desta forma, “as vozes e as faces da escritura epistolar”.

Palavras-chave: cartas, escrita ordinária, caráter confidencial, aspecto lingüístico, identidade cultural.

# Abstract

To the first sight, with the premessage of the society computer science, the idea that many has is of that the sort to epistolar and the art of the correspondence already are surpassed by the new electronic technologies. In the contemporaneidade, the letter, considered, many times, as written usual, comes being studied more intensely, proving that the almost extinct act to write and to receive letters is characterized for being stuffed of practical cultural, habits, values and knowledge of confidential and historical character. Thus, as any another epistolografico study, this search to detect and to analyze in the letters tracked in the calmonense community the cultural and linguistic aspects that collaborate for the re-construct/desconstruct of the cultural identity of the citizens, disclosing, of this form, "the voices and the faces of the writing to epistolar".

Keyword: letters, usual writing, confidential character, linguistic aspect, cultural identity.

*Meu amigo:*

*Escrevo-te para daqui a um século, cinco séculos, para daqui a mil anos... É quase certo que esta carta te não chegará às mãos ou que, chegando, a não lerás. Pouco importa. Escrevo pelo prazer de comunicar. Mas se sempre estimei a epistolografia, é porque é ela a forma de comunicação mais direta que suporta uma larga margem de silêncio; porque ela é a forma mais concreta de diálogo que não anula inteiramente o monólogo. Além disso, seduz-me o halo de aventura que rodeia uma carta: papel de acaso, redigido numa hora intervalar, um vento de acaso o leva pelos caminhos, o perde ou não aí, o atira ao cesto dos papéis e do olvido, ou o guarda entre os sinais da memória. Por sobre tudo, porém, agrada-me falar desde o centro deste Inverno e desta cidade mortal que me cercam. Ouço as vozes subterrâneas à alegria mecânica, aos passos cronometrados, à azafama de nervo e esquecimento que adivinho ao longe, numa metrópole-síntese construída em arame e cimento, e é bom que essas vozes ressoem na minha boca.*

*Vergílio Ferreira, "Carta ao Futuro"*

# Sumário

Introdução .....	08
Quadro Teórico.....	10
Metodologia .....	16
Análise dos dados.....	19
Considerações Finais .....	27
Referências Bibliográficas.....	28
Anexos .....	30

# 1. As vozes e as faces da escritura epistolar: uma breve introdução

Escrever e receber cartas em pleno século XXI é uma prática quase em extinção. Este ato de caráter íntimo, que permite um contato confidencial entre correspondentes, vem ao longo do tempo sendo esquecido. Escrever para corresponder-se é uma forma de se expor, compartilhar experiências e idéias pessoais. A carta, como uma prática de escrita, fala tanto de quem a escreve como revela algo sobre quem a recebe, anunciando a intensidade do relacionamento entre os envolvidos, pois “nunca se escreve senão para viver, a fim de se fazer presente frente a uma situação, para explicar, justificar-se, informar, dirigir-se a, apelar, queixar-se, sofrer menos, fazer-se amar, dar-se prazer” (BOLLEME: 1988, p.201).

No entanto, a boa e velha carta pessoal, na qual os interlocutores utilizam-se de códigos estabelecidos para retratar e revelar seu próprio mundo através da palavra escrita, vem sendo substituída pelos contatos via telefonia e internet, correndo o risco de tornar-se um recurso obsoleto ou apenas um material para investigação histórica do passado.

Desde a última década do século XX, vêm se intensificando os estudos sobre estas escrituras cotidianas tidas como práticas epistolares das pessoas comuns e que são chamadas por muitos de “escrituras ordinárias ou escritos sem qualidade”, uma vez que se opõem a escritos prestigiados, elaborados com vontade explícita de “fazer uma obra” para ser impressa. Estes estudos abrem cada vez mais um rico campo para as pesquisas sobre práticas e funções culturais da escrita na sociedade letrada que nos envolve. Sobrevivendo às chamas e ao lixo que parecem ser o destino comum dessas letras, estes escritos ordinários, quase sempre condenados ao descaso e ao esquecimento, se preservados, criam chances para analisar usos e funções da cultura escrita que, como a arte ou a literatura, também contribuem para entender melhor cada época e cada sociedade. Todavia, a escrita epistolar nos interessa, sobremaneira, por estar recheada de práticas culturais, hábitos, valores e conhecimentos partilhados plenos de representações registrados através de uma escrita informal que revela de forma não-intencional o nível de identidade cultural daqueles que a utiliza.

Diante disso, buscamos realizar na comunidade de Miguel Calmon, cidade do piemonte da Chapada da Bahia, um trabalho de rastreamento pela escritura epistolar a fim de detectar e analisar os aspectos culturais e lingüísticos destes registros que colaboram para a (re)construção/desconstrução da identidade cultural dos sujeitos.

E, nesta perspectiva, procuramos re-significar cartas de outros tempos que ainda sobrevivem em meio aos avanços da humanidade, objetivando analisar aspectos no âmbito lingüístico e cultural à medida que investigamos a inter-relação entre missivista e destinatário. Assim como qualquer outro estudo epistolográfico, este busca nas cartas, epístolas literárias em prosa, as vozes da escrita que são a “voz do próprio autor movido por inquietações e satisfações que lhe atravessam o espírito e que pretende ser documento da verdade (verdade esta do autor)” (PERES: s/d, p.02), a fim de constatar as colaborações das cartas para a (re)construção/desconstrução dos sujeitos.

Este estudo constitui um trabalho complexo, por se tratar de um tema ainda pouco estudado e, conseqüentemente, com poucas fontes de pesquisas. Mas, ao mesmo tempo, aborda uma temática muito estimulante aos leitores interessados, afinal, este trabalho de pesquisa desperta-nos uma imensa curiosidade e nos proporciona um contato com informações e análises de uma das escritas mais antigas, significativas e confidenciais dos nossos tempos que corre o risco de ser exterminada e substituída pelos contatos virtuais caracterizados como pouco humanos.

## 2. As vozes e as faces da escritura

### epistolar: quadro teórico

#### 2.1. A história da carta

“... Mas e as cartas? O que há com elas? Quem irá contar sua triste história no futuro? E isto leva a uma pergunta banal. Para nós. Não para as cartas. Onde começa a vida de uma carta? Que trajetórias percorre? Pode-se dizer que a carta começa a nascer ainda no tronco de uma árvore qualquer. Dali sai o papel que será ao mesmo tempo base e objeto da carta. Então se cria a situação apropriada para que este papel seja preenchido com uma mensagem. Pode ser uma viagem, uma mudança de cidade, uma paixão, uma separação, um aviso de emprego, uma demissão, enfim, motivos sobram. O fato é que a carta escrita à mão extrapola seu próprio conteúdo.”  
(Artur Barcelos: S/R )

Uma carta se nos apresenta como um tipo de comunicação que se auto-identifica. O modelo formal desse gênero é bastante comum. Junto com os contos de fada, talvez seja um dos textos escritos mais conhecidos. No entanto, a história de constituição desse gênero e suas implicações para a construção do modelo epistolar não o são. São exatamente os gêneros do discurso, essas formas relativamente estáveis de dizer, que funcionam como elo entre a história da sociedade e a história da língua, diria Bakhtin (s/r). Compreender, pois, como se constitui um gênero enriquece a percepção que temos sobre ele em muitos aspectos. Vamos, então, a essa história<sup>1</sup>.

A história do gênero epistolar se constituiu gradativa e muito lentamente. Seu traçado se manteve ligado à história do Ocidente, principalmente no período medieval. A forma epistolar e seu/s sentido/s foram se definindo, ou pelo menos consolidando determinadas formas e não outras, conjuntamente com as práticas do Cristianismo e a expansão das artes notarial e legislativa durante a Idade Média. É nesse período que

<sup>1</sup> Muitas informações sobre a história da carta, aqui apresentadas, foram exploradas do material pedagógico de Ucy Soto – professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Alagoas – enviado via internet: [ucy@fapeal.br](mailto:ucy@fapeal.br).

acontece o que poderíamos chamar de “a invenção” do que hoje chamamos de carta. A chave dessa questão, diz Boureau, um estudioso francês do assunto, pode ser encontrada se compreendermos melhor como se deu a internalização da necessidade de se escrever cartas e de se seguir certas regras.

Antes de o Cristianismo introduzir no Ocidente uma correspondência sagrada (as epístolas), o eixo importante das discussões se dava através da Retórica Clássica, primordialmente oral na Grécia Antiga. As epístolas de Paulo (150 d.C., aproximadamente) se constituem como o primeiro conjunto de escrituras sagradas do Cristianismo, antes mesmo dos Evangelhos. Essas epístolas, canonizadas pela liturgia, asseguram a mediação entre o céu e a terra, entre Deus e os homens, por escrito. Nelas já se encontra a originalidade constitutiva do mundo cristão, uma certa mistura de familiaridade (Paulo escreve a seus amigos) e de sacralidade (Paulo transmite a palavra de Deus).

A importância das epístolas cresce à medida que o Cristianismo se separa dos ritos judeus e toma para si um lugar cada vez mais singular durante a Idade Média. Na missa católica romana, no final do primeiro milênio, a autonomia da liturgia epistolar já se encontra bem marcada, da carta se proclama o título e o tratamento (“irmãos”, “meu muito caro amigo”, “meus muito caros amigos”) antes de sua leitura. Lembremos que neste período toda liturgia era realizada em latim apesar de que a maior parte da população já não falasse essa língua.

Muitos tratados começam a ser redigidos, por religiosos, procurando fixar as regras epistolares como uma disciplina autônoma. Para que se possa avaliar a crescente importância do gênero epistolar durante a Idade Média, é interessante ressaltar que, até o século XII, o verbo *dictare*, que se encontra no título de muitíssimas obras sobre cartas, como “Ars dictaminis” ou ainda “Ars dictandi”, dizia respeito à atividade precisa de ditar uma carta a um secretário. O gesto epistolar aqui se encontra a meio caminho, ainda ligado à tradição oral: dita-se uma carta a um secretário que a escreve.

No começo do século XII, a prática epistolar já se encontra difundida fora dos muros da Igreja. A carta funciona no mundo laico medieval como um instrumento intermediário entre o direito civil, que timidamente começa a se firmar, e a arte notarial. É deste período a fixação de uma das normas que mais caracterizam o texto epistolar; a obrigatoriedade de se citar o nome do destinatário antes do nome do autor da carta. A marcação do lugar de quem escreve uma carta em relação a quem receberá foi uma das grandes querelas entre os escritores de tratados epistolares. Num princípio, essa regra de

tratamento se aplicava somente ao tratamento dispensado a um destinatário de origem social superior à do autor da carta, mas não tardou muito para que este traço se generalizasse. Daí, hoje, as formas de tratamento estarem situadas no começo da carta e o nome de quem escreve só aparecer depois do tratamento ou mesmo só na assinatura, no final do texto.

O grande apogeu da arte epistolar ocorre nas cidades italianas entre os séculos XII e XIII. Surgem os mestres epistolários, intelectuais em sua época, muitos ligados a instituições universitárias, que se dedicavam a escrever cartas além de tratados sobre essa arte. Durante esse período, um grande número de tratados epistolares busca propor modelos de cartas que podiam servir de exemplo para serem copiáveis com boa letra tal qual. Alguns poucos manuais propunham regras gerativas de composição de cartas. Todos eles escritos em latim, o inglês da época medieval. O primeiro manual em língua moderna data de 1260, escrito em francês por Bruno Latini.

O desenvolvimento dos Estados Nacionais, nos últimos anos da Idade Média, reforça o triunfo dos representantes da lei (notários e legisladores), em prejuízo dos mestres epistolários. A comunicação com as camadas superiores do Poder Judiciário e político começa a adotar fórmulas cada vez mais estandardizadas e complexas nas quais pouco espaço é reservado à iniciativa dos sujeitos. Começa o período de declínio da importância dos mestres epistolários que renunciaram às suas ambições públicas de mediadores entre o indivíduo e a Justiça. Os grandes mestres passaram a dedicar-se, cada vez mais, à esfera privada, às cartas de cumprimento, de apresentação de serviços, de agradecimento, cartas de amor, entre amigos, vindas do coração, o protótipo, por excelência, do gênero epistolar da atualidade.

Sabemos que desde a antiguidade, a epistolografia, enquanto gênero literário, é cultivada, porém foi no século XVII que teve sua maior efervescência, com a Madame Sévigné, autora de centenas de peças deste gênero. Outros estudiosos pensam ser o século XVIII, o “século das cartas”, uma vez que, neste período, as pessoas estavam muito interessadas em manter um contato “puramente humano” e por isso usavam as cartas para falar de si mesmas, estabelecendo uma intimidade, uma subjetividade ainda desconhecida naquele tempo.

Em pleno século XXI, as cartas continuam sendo o veículo que permite o “tirar as máscaras” e revelar-se para o outro, permitindo entre os interlocutores um contato mais pessoal, refletindo na escrita o cotidiano, o pulsar social e íntimo tanto de quem escreve como de quem recebe a carta. No entanto, este se encontra longe de ser o “século das

cartas”. Poderíamos, diante da evolução tecnológica e virtual, afirmar que as missivas de contato mais pessoal e humano estão morrendo, estão sendo extintas. Segundo pesquisas de Artur Barcelos<sup>2</sup>, hoje em dia, 60% das cartas são propagandas e panfletos; uns 35% correspondem às cobranças; e apenas 05% são cartas propriamente ditas.

O conhecimento da história da carta faz-se necessário neste estudo para que possamos descobrir, conhecer e agir no mundo em que estamos inseridos, deslocando o nosso olhar para que, posteriormente, possamos voltar a olhar e ter a possibilidade de enxergar de novo. Desta forma, é mister deslocar o olhar do texto carta para que a noção de gênero epistolar, como uma prática socialmente construída através da sua história, pudesse surgir. Essa história, que atravessa um período que vai desde o momento em que a carta não tinha maior relevância como gênero na Antigüidade Clássica nos permite uma compreensão consistente da evolução da escritura epistolar e da situação em que se encontra na contemporaneidade.

## 2.2 Uma questão de identidade

*“A carta entra silenciosa na caixa do correio e aguarda. Olha-se para o remetente e sabe-se quem nos quer comunicar. Pode abrir-se logo ou mais tarde. Dá tempo a uma resposta”.*

António Fidalgo

Para a epistolografia, as cartas, epístolas literárias em prosa, revelam um projeto de autenticidade e veracidade, um registro de indiscutíveis verdades que estão sendo ditas interpessoalmente. As missivas também podem ser confissões, projetos, sonhos, discussões, amores... Elas são o jornal de uma vida e são destinadas a um locutor privilegiado que sabe compreender a veracidade tácita. Escrever cartas é “mostrar-se, chamar a atenção, presentificar a imagem do outro”, como afirma Michel Foucault (In: SANTOS: 1998, p.22). É o reflexo de um eu face a outro, é um diálogo no qual o remetente entra na sua própria individualidade e procura o entendimento e a confiança

---

<sup>2</sup> Artur Barcelos escreveu uma crônica intitulada “Vida e morte de uma carta” publicada na Internet: [ahbarcelos@hotmail.com](mailto:ahbarcelos@hotmail.com).

absolutos do outro. A carta é um texto feito de encantamentos, como num “passe de mágica” aproxima os que estão ausentes, vence a distância.

Por escrito elas compartilham segredos, aconselham-se mutuamente e fazem, até, deliciosos mexericos sobre pessoas de conhecimento pessoal e, assim, em múltiplas e variadas representações, delineiam as relações com os membros de um determinado grupo social, trocam experiências sobre profissão, questionam normas e valores de um tempo específico, dividem impressões sobre leituras realizadas, escrevem sobre roupas da moda e por cristalizarem nestas representações, notícias, ensinamentos e particularidades de uma história, as cartas podem ser consideradas como portadoras de um lugar de memória, fecundando-se em verdadeiros documentos históricos.

Segundo Maria Rosa de Camargo<sup>3</sup>, “é própria da carta uma sensação do interlocutor, do destinatário a quem ela visa. Como a réplica do diálogo, a carta se destina a um ser determinado, leva em conta as suas possíveis reações, sua possível resposta”. Desta forma, tal diálogo constitui um relato da vida presente, “uma catarse psicanalítica no espaço da folha de papel” (MOISÉS: s/d, p.286), que tenta interpretar objetivamente os acontecimentos individuais ou coletivos. E o amigo que a recebe é uma espécie de árbitro, de mediador que observa e atesta a verdade contada. Todavia, não podemos acreditar tão ingenuamente que o ego que se apresenta nas cartas é propriamente do autor, mas devemos sim enxergá-lo como aquele que nasce no ato de redigir o texto.

Devemos enxergar, também, que este ego, propriamente do autor ou do “ator/atriz social”, revela em si a identidade cultural do sujeito que preenche um espaço entre o mundo interior e o mundo exterior e, sendo assim, seria uma tarefa medíocre e insignificante analisar o indivíduo dissociado de sua esfera social. Como afirma Stuart Hall (2001, p.12), “A identidade costura o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis”.

Além disso, nos é permitido verificar que as funções de uma carta podem ser mais complexas do que parecem à primeira vista. A carta elaborada num universo adolescente, recheada de gírias e segredos misteriosos; a carta de amor, de sentimentos confidenciais; as cartas públicas, de cunho político e social, as cartas e as cartas revelam a todo instante os aspectos sociais que circundam o mundo epistolar, fazendo com que seus sentidos se

---

<sup>3</sup> Maria Rosa R. Martins de Camargo é autora do Projeto “*Cartas e escrita. A história revisitada*” da Faculdade de Educação – UNICAMP.

configurem, se fixem ou, aos poucos, se transformem. No uso que fazemos desse objeto portador de texto, se encontra uma das chaves para compreensão de seus significados. Uma carta é um texto, ao mesmo tempo, livre e codificado, íntimo e público, que pode ser considerado como segredo e como algo voltado para a sociabilidade. A carta, melhor que qualquer outra expressão de nosso tempo, associa o laço social e a subjetividade.

Examinando um pouco mais de perto a configuração interna de uma carta, é notável que a mesma não revela e caracteriza somente a identidade dos sujeitos emissores e receptores, mas por si só, apresenta sua própria identidade, submersa num oceano de significações. Percebemos rapidamente que há determinadas formas lingüísticas inexoravelmente ligadas ao modelo epistolar. O fato de que duas palavras colocadas no início de uma carta, por exemplo, como “Querido amigo”, funcione como uma chave, é interessante. É como se o viés de leitura, a partir desse momento, se encontrasse estabelecido, direcionado, como se orientasse para um determinado sentido. Poderíamos estabelecer um paralelo, guardando a devida distancia, como o que ocorre em um outro gênero – o conto de fada. Quando a chave verbal “Era uma vez...” é acionada, abre-se a escrita – ou a escuta, se nos posicionarmos no outro lado da folha – de um tipo de gênero determinado.

Como acontece esse direcionamento, que se faz marcar em nosso gesto de leitura motivado por essa seqüência de palavras? Como compreender que duas palavras iniciais, mesmo desprovidas do que hoje esperamos de uma carta (que venha dentro de um envelope, trazido pelo correio etc.) possam despertar em nós toda uma série de sentidos?

“A tessitura (de tecido, texto) junta num só objeto questões de forma e sentido”, afirma Ucy Soto (s/d). Nesse sentido, a tessitura epistolar pode ser compreendida na tensão que se estabelece entre as formas lingüísticas ali empregadas e as formas socialmente estabelecidas de se expressar em uma determinada língua, ou, como prefere chamar Bakhtin, os gêneros do discurso. Essas formas relativamente estáveis de se expressar em uma língua são socialmente construídas, sendo a carta uma delas. Quase todos reconhecemos uma carta, sabemos qual é o seu aspecto formal, qual é a sua identidade.

### 3. As vozes e as faces da escritura epistolar: Metodologia

“A carta é um objeto demasiadamente  
movediço e polimorfo para que se possa tentar  
uma descrição realmente sistemática”.

(Vicente Kaufmann apud  
SANTOS:1998)

Re-significar as cartas resgatadas na comunidade de Miguel Calmon, cidade do interior da Bahia, foi uma tarefa que permitiu ao pesquisador um trabalho de etnopesquisa<sup>4</sup>, de caráter qualitativo, uma vez que analisar os aspectos lingüísticos e culturais das missivas, objetivando não só contrapor registros, como também explorar discursos aí presentes, é uma atividade que exige um estudo *in vivo*, concretizado no contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada. Neste sentido, a etnopesquisa “preocupa-se primordialmente com os processos que constituem o homem em sociedade” (MACEDO: 2000, p.30). O contato direto ou indireto com os autores e/ou receptores das epístolas forneceram um complemento primordial ao trabalho de investigação tanto no âmbito lingüístico como no sócio-cultural, visto que, muitas vezes, os missivistas ultrapassam os limites da simples fonte biográfica e transformam seus textos em objetos literários autônomos, em documentos históricos. Desta forma, como afirma Roberto Sidnei Macedo (2000: p.145),

“valoriza-se intensamente a perspectiva qualitativa-fenomenológica, que orienta ser impossível entender o comportamento humano sem tentar estudar o quadro referencial e o universo simbólico dentro dos quais os sujeitos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações”.

Neste estudo, foi mister partir para a análise lingüística e cultural das missivas por meio da pesquisa de campo, inicialmente resgatando as epístolas na comunidade, buscando uma informação ideográfica *in situ* e, posteriormente, realizando o estudo *in vivo* com os

<sup>4</sup> Em seu livro “*A Etnopesquisa crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação*” (2000, p.30), Roberto Sidnei Macedo esclarece os preceitos da etnopesquisa: “com sua preocupação etno (do grego *ethnos*, povo, pessoas), a etnopesquisa em geral volta-se para o conhecimento das ordens sócio-culturais em organização, constituídas por sujeitos intersubjetivamente edificados e edificantes, em meio a uma ‘bacia semântica’ (Durand) mediada socialmente”.

missivistas, como foi explicitado anteriormente. Além disso, levou-se em consideração algumas práticas apontadas por CHARTIER (1990), quando propõe rastrear as classificações, as divisões e as delimitações que organizam e definem o material, e nelas a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real; as representações do mundo social construídas; e as estratégias e práticas produzidas e embasadas num discurso que não é neutro, tendendo a legitimar ou justificar escolhas, posições, condutas para os próprios indivíduos num dado momento histórico.

Os resultados do trabalho de etnopesquisa dependem muito do contato e do acesso do pesquisador com o seu objeto de pesquisa, principalmente quando se pretende explorar as incógnitas, o oculto, o secreto, o obscuro... Por isso outros aspectos também devem ser levados em consideração numa etnopesquisa. Segundo MACEDO (2000: p. 149),

“Honestidade, capacidade de persuasão quanto à importância social de pesquisa, compromisso ético, despojamento de vaidades acadêmicas, sabedoria em transitar pelas seduções que emergem das relações institucionais, construção de identidades, se possível, e disponibilidade para um contra-partida efetiva, paralelamente, e/ou partir da própria pesquisa, parecem-nos alguns pontos importantes para se conseguir um acesso capaz de possibilitar uma etnopesquisa densa e válida, enquanto estudo em profundidade de uma realidade”.

A própria análise do discurso presente no material epistolográfico resgatado, prende-se à análise do mundo social onde o discurso é construído e onde o autor ou ator do discurso está inserido. Isto se relaciona com a teoria de Pêcheux (1997: p.77-78) que considera que todo discurso é elaborado a partir do lugar ocupado pelo orador, isto é, tendo em vista o grupo de que este faz parte, dos interesses que defende.

Desta maneira, o trabalho de etnopesquisa, que norteou a investigação da identidade cultural dos sujeitos na escritura epistolar da comunidade calmonense, não pôde, de forma alguma, se desprender do aporte sócio-cultural que envolve o objeto de pesquisa, uma vez que os discursos e, conseqüentemente, a identidade cultural dos indivíduos se constroem nas relações que estes mantêm com o mundo social.

A etapa final deste estudo se concretizou com a análise e interpretação dos “dados”, priorizando uma análise significativa dos discursos presentes nas epístolas e dos discursos construídos pelos autores desses registros no momento das entrevistas, para que fosse possível verificar como estas escrituras colaboram para a re-construção/desconstrução da identidade cultural dos sujeitos.

Todavia, vale ressaltar que, abordar a escrita epistolar como fonte histórico-cultural, requer outros enfoques, re-leituras e re-interpretações que se inserem na ótica da

cultura escrita. Por exemplo, pelas cartas pode-se inferir, além dos dados e informações sobre o momento histórico vivido, uma história dos processos de comunicação entre as pessoas comuns, os próprios modos e maneiras de escrever, a expressividade gráfica exercida “como liberdade, direito e/ou transgressão” (VINÃO FRAGO: 1999). Pela análise dessas práticas epistolares é possível, também, perceber como a escrita torna possível novas estratégias cognitivas, modos de pensamento e expressão, um outro sentido de tempo e espaço.

As cartas como escrituras ordinárias, em suas faces e suas vozes, mostram, igualmente, em traços firmes uma relação pessoal com o universo da escrita e, por extensão de uma História que se centra na análise das culturas e das identidades, bem como nas estruturas de operar da mente humana.

## 4. As vozes e as faces da escritura epistolar: Análise dos dados

“A correspondência constitui uma das  
formas mais legítimas e palpitantes de expressão do  
humano”  
(Cassiano Nunes: 1982)

O ato de escrever cartas consiste em confrontar-se com códigos estabelecidos e, a partir deles, construir/inventar um lugar para si, através das palavras. Trocar cartas, corresponder-se, são formas de se expor, compartilhar experiências cotidianas e/ou profissionais e, muito especialmente “pôr ordem em suas idéias, clarificar e recordar pensamentos, sensações e sentimentos” (Vinão Frago, 1999:127/8).

Considera-se como primeiro documento literário brasileiro a Carta de Pero Vaz de Caminha<sup>5</sup>, dando conta ao rei português da descoberta da nossa terra, em 1500. Essa carta, de certo modo, definiu a linha dominante das letras coloniais nos primeiros séculos, ao fazer a propaganda das riquezas naturais em florestas, abundância de águas, fauna, solo fértil, clima ameno bem diferente dos rigores do hemisfério norte e índios amigáveis. Esse foi o tom, durante muito tempo, do que se escrevia para exaltar o espaço tropical recentemente explorado. Mas a produção epistolar não se limitou nesta finalidade. Ao longo da nossa história, cartas foram construídas objetivando as mais diversas intenções. As cartas seiscentistas do padre Antônio Vieira, por exemplo, tratavam de temas variados e importantes. Eram cartas destinadas à Companhia de Jesus, à Corte portuguesa e, genericamente, à sociedade portuguesa, entre as quais relatava as invasões históricas, oferecendo vívidos retratos dos hábitos de pesca, vestuários, guerra, festas e moradias dos indígenas do Norte e também suas diligências a fim de que não fossem injustamente escravizados pelos colonos portugueses. Sua famosa carta “Esperanças de Portugal” propõe que, segundo as profecias, o rei D.João IV iria ressuscitar para implantar o Quinto Império, isto é, o reino de Cristo na Terra (o que foi motivo para seu processo no Santo Ofício em Coimbra entre 1663 e 1667).

Na verdade, um estudo mais preciso em torno da nossa história literária poderia nos revelar uma vasta e rica produção epistolar. No entanto, nossa proposta se limita a rastrear a escritura epistolar na comunidade calmonense, analisando aspectos culturais e lingüísticos acerca destes registros.

<sup>5</sup> Ver fragmentos da Carta de Pero Vaz de Caminha em anexo.

Muitas pesquisas foram realizadas e o referido trabalho de rastreamento tornou-se bastante significativo a partir do acesso ao arquivo epistolar da professora Dalva Almeida Silva, uma notável escritora da nossa comunidade.

Grande parte deste acervo, constituído de aproximadamente 100 cartas, revela aspectos de caráter íntimo e confidencial – uma vez que apresenta missivas correspondidas com seu noivo, atual esposo – bem como aspectos de caráter histórico e cultural, já que, extraordinariamente, registra fatos sociais da comunidade calmonense e respectiva região.

Produzidas na década de 50, as cartas selecionadas são um registro que comprovam a história do relacionamento amoroso entre Dalva Almeida (D.), que na época residia em Itapura, distrito de Miguel Calmon, e Gonçalo José (G.), que trabalhava provisoriamente em Umbuzeiro, comunidade localizada nas proximidades desta região. Escritas à mão, em folhas pautadas, utilizando por vezes pena e tinta, elaboradas quase que diariamente em uma frequência acordada pelos próprios missivistas, o acervo de Dalva Almeida, que reúne, além das cartas que recebera do seu amado, as próprias cartas que escrevera – resgatadas após o casamento, oferece ao leitor do presente, versões e vestígios de suas experiências individuais, profissionais e relações íntimas e familiares, o que se reveste, por princípio em fontes para a própria História já que um dos espaços sociais afetados pelo trânsito do oral ao escrito é sócio-cultural.

Em todo o conjunto de cartas escritas por D. e G., um assunto comentado e alvo de narrativas, diz respeito ao seu noivado e às relações confidenciais deste namoro, inicialmente proibido pelo pai da noiva. Assim, este estudo destacará, também, alguns fragmentos deste cotidiano afetivo, analisados em uma tensão que contemple o estudo das cartas tanto como uma prática cultural (regras, rituais do ato de escrever, locais da escrita, periodicidade) como um conjunto de documentos históricos que elabora representações sobre um dado capital de vivências da época e, dessa forma, se faz portador/produtor de sentidos para a história.

A carta mais antiga do acervo pesquisado data do dia 28 do mês de fevereiro de 1951 e foi escrita por G., direcionando a D. juras de amor.

Percebemos nesta missiva, claramente, o interesse do emissor em estar junto à sua amada, escrevendo sua mensagem num tom bastante afetivo ao direcionar sua escrita por meio do enunciado lingüístico: “*Dalva, meu anjinho*” – um vocativo carinhoso, exposto no diminutivo – para, em seguida, justificar-se perante à “noiva ciumenta” que não apresentava interesse por outra mulher: “... *não fique zangada não (...)*”; “... *sou capaz de lhe jurar que outra aqui não me interessa*”.

Dalva comen arijinho vós fique garga  
da isão, pois reombrug vós dei moliva pa  
na vól está assim, será possível que vól  
fui) está pensando que eu estou gostando  
de entra, vós pense imo ariha a Santinha  
que sou capaz de lhe jurar que entra aqui  
não em interesse  
Ten sempre  
G. João  
Vou ficar em Deus que vai de  
ser feliz com vól  
Responda-me  
Hum 28-2-751.

Tudo isso nos leva a comprovar o verdadeiro valor presente numa carta. Desde a simples função de mandar notícias e manter contato com indivíduos distantes, a carta revela o grande poder de penetrar profundamente no mundo sentimental dos interlocutores. Seja para desculpar-se, justificando-se ou implorando algo, este grandioso escrito pode alcançar destinos que jamais imaginamos.

Outras missivas que merecem destaque nesta análise epistolar referem-se à escrita de G. preocupado com seu casamento com D.: "Dalva mande-me dizer se ainda pretende se casar comigo, se pretende mim manda dizer quer eu vou pra ai, peço que mim escreva com urgência para poder tomar as minhas providências". E, logo em seguida, a resposta do Sr. João Vilaronga Filho, o pai de D., diante do pedido de casamento feito por G.:

Miguel Calmon, 13 de Abril de 1951.

Geruicinha Lalia.

Meu abraço.

Faço votos ao nome bendito de Deus, para  
que os recados d'Esta, esteja mais perfeita  
Saúde e Felicidade. Estão com saúde, gra-  
ças aos deus, só o que o inimigo está com o mal.  
Tratando e as Saudades, que são encompa-  
ravel. Lalia manda-me dizer se ainda  
pretende se casar comigo, se pretende com  
manda dizer que eu vou para a ir, por  
que que o inimigo escreva com paz e alegria  
para poder fazer as minhas provisões.

Estão com vontade de ir para a  
Luz.

Mas nada.

Eu termino por não ter nada  
de novo.

Um sempre lembrado.

Rayado Silva

Minha filha mãe D. Maria Augusta de Souza  
Luz

Tapura, 9 de Junho de 1917.  
Sr. Gonçalo José da Silva.  
Vossa.  
Em resposta a vossa carta de 3 do corrente tenho a dizer-lhe o seguinte: venha até aqui em vossa casa amanhã às 10 horas pois precisamos ter entendimento com relação ao que me falou.  
Sem outro assunto no momento, aqui ao seu dispor.  
Crº Atº e Obrº.  
João Vilaronga Filho.

Ambas as cartas constituem peças fundamentais de um quebra-cabeça, que encaixadas às demais formam um todo que por si só é capaz de revelar, de forma histórica e literária, a vida amorosa de dois amantes: Dalva e Gonçalo, que mantinham um relacionamento conservador e de mútuo respeito, marcado pela época em que viviam (em nenhuma carta sequer percebemos a presença da palavra “beijo”, ou algum indicador de um envolvimento carnal).

Partindo para uma análise referente aos aspectos lingüísticos da escrita, é notável na carta do Sr. João Vilaronga Filho a preocupação com a formalidade da língua portuguesa, obedecendo às normas específicas da língua padrão ao utilizar-se, por exemplo, do pronome possessivo referente à segunda pessoa do singular: “Em resposta a vossa carta” e também quando faz uma perfeita colocação pronominal, com a utilização da ênclise em: “tenho a dizer-lhe o seguinte”. Outro fator lingüístico que desperta a atenção do leitor é a presença do termo “Crº, Atº e Obrº”, bastante utilizado em missivas desta época, significando: “Seu criado, atento e obrigado”.

Ainda em detrimento dos aspectos intratextuais lingüísticos, percebemos que muitas cartas escritas por D. e G. costumam revelar comentários sobre correção e elegância da letra, uma “grafia diretamente ligada a gestos corporais” (CHARTIER, 1998:16). Tal situação aparece expressa em trechos como este escrito por G.:

Ocupa os erros, pois não tem uma missão  
Pena, mas ser o portador

Diante de outras cartas, foi possível constatar a presença de um cunho poético por parte dos interlocutores ao lançar no papel suas emoções e seus sentimentos. A construção de determinados enunciados tornam os interlocutores verdadeiros poetas que “fazem linguagem para generalizar e regenerar sentimentos”, como afirma Charles Pierce apud PIGNATARI (1977: 4).

Nestas missivas, transparece perfeitamente a intimidade que emissor e receptor mantêm com a poesia:

Meu coração te fala  
- Valsa -  
Talvez alguém me esteja ouvindo  
Ao som desta triste canção  
Lamentos de uma grande dor  
Come sobre o meu coração

Meu coração te fala  
Do meu grande amor  
De uma felicidade  
De uma vida em flor

Meu coração te fala  
A expressão da verdade  
De um amor sincero  
De uma grande amizade

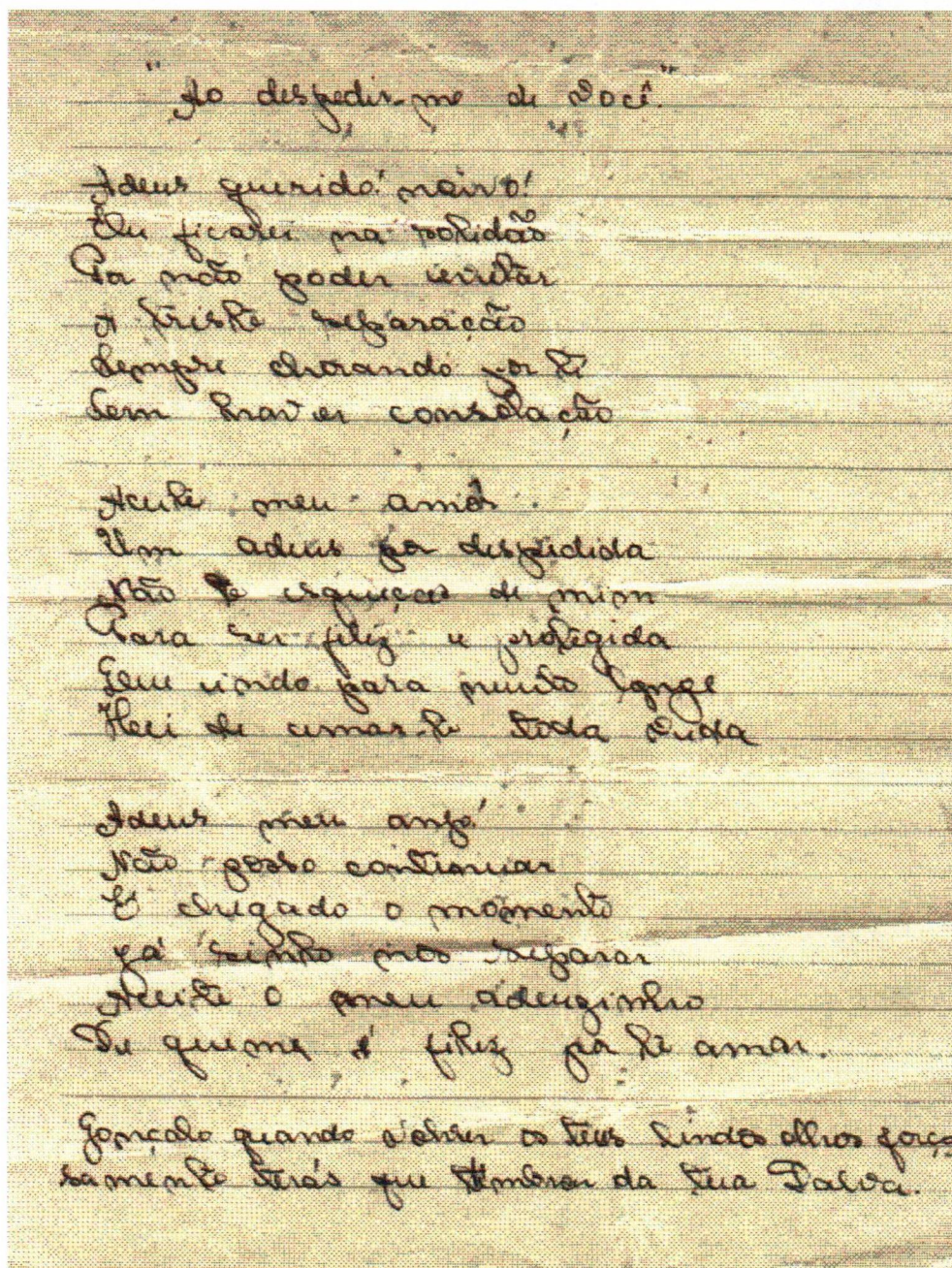
Meu coração te fala  
O quanto eu te quis  
De um passado risonho  
Passando um ser feliz

Meu coração te fala  
De um sonho que morreu

Meu coração te fala  
De um infeliz  
Que sou eu.

Para Dulce.  
Por G. B. Silva

Em 10-4-76.

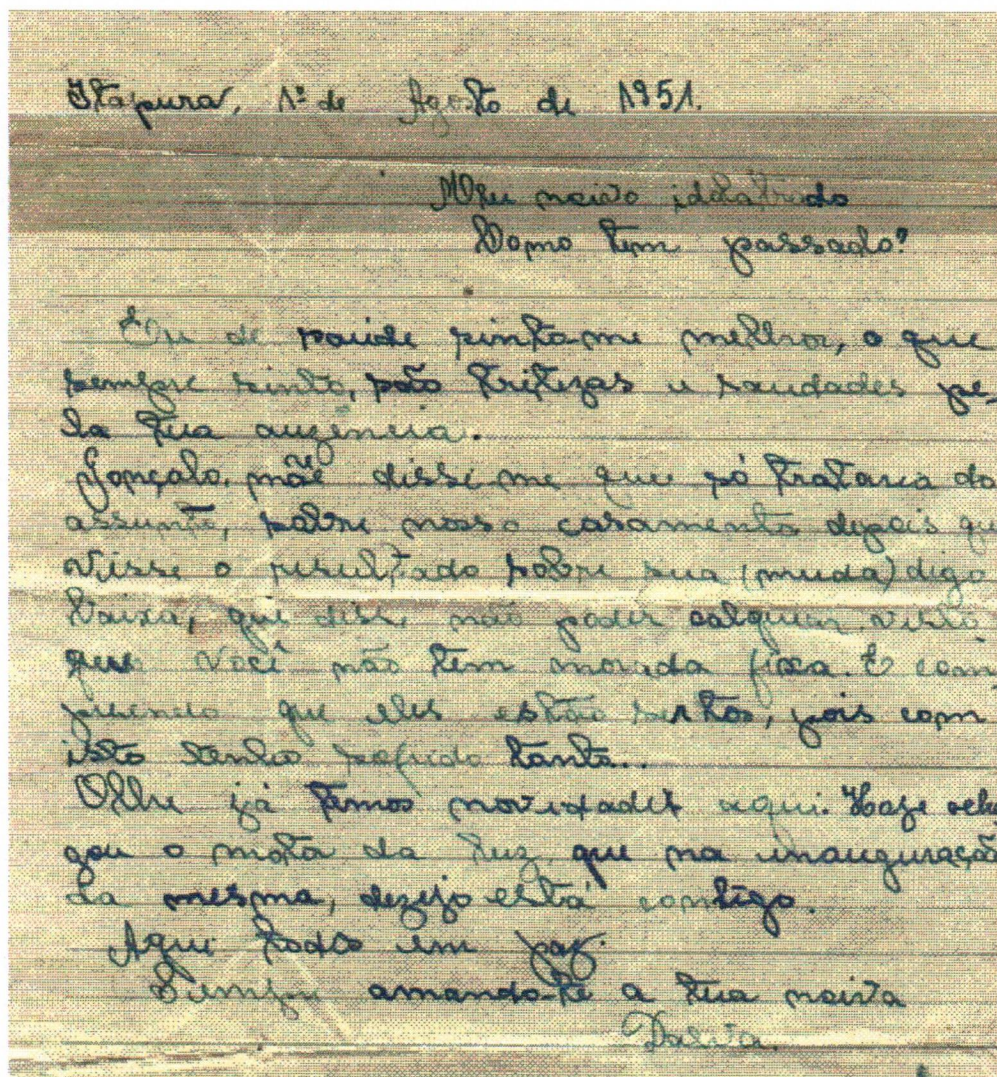


A nossa professora Dalva Almeida talvez nem soubesse que um dia se tornaria uma grande escritora, uma poetisa tão estimada em nossa comunidade<sup>6</sup>. Desta forma, podemos acreditar que sua poesia doce e cândida tenha nascido em meio à escritura epistolar que conta parte de sua história.

Volvendo um outro olhar para a escritura epistolar, é perceptível que, muitas vezes, os missivistas ultrapassam os limites da simples fonte biográfica e confidencial e transformam seus textos em objetos literários autônomos, principalmente quando ampliam os fatos retratados, dando aos mesmos um caráter documentário, inserindo sua escrita numa esfera histórica e cultural.

<sup>6</sup> Dalva Almeida Silva publicou, entre outros livros de cunho poético e histórico, a obra "Espaço para meus poemas" (2002) reunindo uma coletânea poética que aborda temas variados. Atualmente está elaborando uma obra autobiográfica.

O acervo da professora Dalva Almeida também apresenta este cunho histórico-cultural. Observe nesta missiva a abordagem que a emissora faz a um momento histórico da região calmonense na década de 50: "Olhe já temos novidade aqui. Hoje chegou o motor da luz, que na inauguração da mesma, desejo estar contigo".



Itapura, 1º de Agosto de 1951.

Minha mãe idôlatra  
Como tem passado?

Eu de mãe sinto-me melhor, o que  
sempre sinto, pelo tristezas e saudades pe-  
la tua ausência.

Fonçalo, mãe disse-me que pó trataria do  
assunto, sobre nosso casamento depois que  
visse o resultado sobre sua (mãe) digo  
Dona, que disse não poder qualquer coisa  
que você não tem marcada fora. E com  
isso sendo prefiro tanto.

Olhe já temos novidade aqui. Hoje che-  
gou o motor da luz que na inauguração  
da mesma, desejo estar contigo.

Aqui tudo em paz.  
Sempre amando-te a tua mãe  
Dalva

Tal missiva deixa de apresentar um caráter apenas íntimo e confidencial, passando a constituir um documento histórico-social, uma vez que registra um fato da história calmonense – a chegada da luz a motor na região de Itapura.

Nesta perspectiva, pode-se se referir ao gênero epistolar como a escrita que representa o desejo de relacionar-se, dirigir-se a, constituindo-se num estímulo para a compreensão da linguagem escrita, decorrente de causas, motivos internos mais profundos, mais do que apenas um meio de comunicação. Entreve-se assim, um status mais complexo da carta, como prova, como documento, como conduta oficial, como organização do discurso e como instrumento de reflexão.

## 5. As vozes e as faces da escritura epistolar: Considerações finais

À primeira vista, com o prenúncio da sociedade informática, a idéia que muitos têm é de que o gênero epistolar e a arte da correspondência já estão superados pelas novas tecnologias eletrônicas. Na verdade, a sociedade informática fortalece o intercâmbio através dos recursos on-line de conversação. Como bem assinala Cassiano Nunes, quanto mais a sociedade se moderniza, mais a correspondência se intensifica, se valoriza e se conserva. Daí dizer-se que a arte de correspondência nasceu do pragmatismo (NUNES: 1982: 67).

Desta forma, podemos confirmar que o veículo, a carta propriamente dita, é um texto híbrido, inesperado e desconcertante. Ele penetra na intimidade sem máscaras, tanto do autor quanto do leitor; é um repensar dos acontecimentos. As missivas são expressões especulativas destinadas à consecução da verdade, elas são a inter-relação daquele que escreve com aquele que recebe.

A análise do acervo epistolar de Dalva Almeida Silva, rastreado na comunidade calmonense, fornece transparentemente este prenúncio. Há nestas missivas um apelo do escritor e a ressonância do receptor. Seus textos refletem um cotidiano interessante, que é digno de ser registrado, que demonstra o resultado de uma sociabilidade refinada. Esses papéis do passado, guardados em um arquivo preservado, mostram um lugar possível de diálogo entre os noivos que estão distantes. As cartas, como escrituras ordinárias mostram, igualmente, em traços firmes uma relação pessoal com o universo da escrita e, por extensão, de uma História social que se centra na análise das culturas tipográficas e nas estruturas e modos de operar da mente humana.

A incorporação destas questões e enfoques às pesquisas na área sinalizam para uma progressiva introdução da cultura de escrita epistolar e da mentalidade letrada no mundo. Como escreve Vinão (1999:255), “classes, lições, exames e provas, exercícios e práticas escolares, textos e escritos ordinários devem ser vistos sob uma nova perspectiva”, pois através delas abre-se a possibilidade de “(re)conhecer outras maneiras de viver e de narrar o vivido, dando certa visibilidade a muitos protagonistas anônimos do acontecer coletivo” (CASTILHO 2000:11).

Em suma, a carta nos interessa sobremaneira porque, por si só, consiste na evolução de sua própria prática, do seu próprio uso, maneiras e modo de escrever, relacionando-se intimamente com os contextos em que se escreve, bem como os materiais, objetos ou signos utilizados para se escrever além do espaço social, significados e relações em que tais atos se produzem.

## 6. Referências Bibliográficas

BOLLEME, Geneviève. *O povo por escrito*. (Tradução de Antonio de Pádua Danesi). São Paulo: Martins Fontes, 1988.

*Carta de Pero Vaz de Caminha – A El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil* (Texto Integral). São Paulo: Martin Claret, 2002.

CASTILHO GÓMEZ, Antonio. *Um archipiélago desconocido. Archivos y escrituras de la gente común*. ARCHIVAMOS. Revista Trimestral de la Asociación de Archiveros de Castilla Y Leon. Nº 38 (4º trimestre de 2000).

CHARTIER, Roger. *A História Cultural – Entre Práticas e Representações*. (Tradução de Maria Manuela Galhardo). Lisboa: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. *A aventura do livro – Do leitor ao navegador*. (Tradução de Reginaldo Camello Corrêa de Moraes). São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HÉBRARD, Jean. *Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escrita pessoal e seus suportes*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

MACEDO, Roberto Sidnei. *A Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação*. Salvador: EDUFBA, 2000.

MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária*. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, s/d.

NUNES, Cassiano. *A correspondência de Monteiro Lobato*. Boletim bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo. V.43. nº ½. Jan/jun. 1982.

PÊCHEUX, Michael. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: UNICAMP, 1997.

PERES, Ciomara Breder. *Remexendo cartas novas e velhas, encontrando o inesperado – uma análise comparativa de Mariana, Ovídio e As três Marias*. Projeto da Universidade Federal de Juiz de Fora, s/d.

PIGNATARI, Décio. *Comunicação poética*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1977.

SANTOS, Matildes Demétrio. *Ao Sol Carta é Farol – a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas*. 1ª ed. São Paulo: Annablume Editora, 1998.

VINÃO FRAGO, Antonio. *Leer Y Escribir. História de dos prácticas culturales*. México. Fundación Voces Y Vuelos, 1999.

Anexos



## Tradução:

Senhor:

Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escreveram a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que nesta navegação agora se achou, não deixarei também de dar minha conta disso a Vossa Alteza, o melhor que eu puder, ainda que – para o bem contar e falar –, o saiba fazer pior que todos.

Tome Vossa Alteza, porém, minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo que, para alindar nem afear, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu.

Da marinhagem e singraduras do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza, porque o não saberei fazer, e os pilotos devem ter esse cuidado. Portanto, Senhor, do que hei de falar começo e digo:

A partida de Belém, como Vossa Alteza sabe, foi segunda-feira, 9 de março. Sábado, 14 do dito mês, entre as oito e as nove horas, nos achamos entre as Canárias, mais perto do Grã-Canária, onde andamos todo aquele dia em calma, à vista delas, obra de três a quatro léguas. (...)

## *Autobiografia de Dalva Almeida Silva<sup>7</sup>:*

Nasci no Distrito de Paz de Itabira  
Lá na fazenda Cajazeira  
Do município de Miguel Calmon,  
Uma terra alvissareira.  
O distrito passou a se chamar Itapura,  
Depois disso, foi que na vila fui morar;  
Nela, cresci, estudei o primeiro grau,  
Casei, então tive que mudar.  
Regressei no ano sessenta,  
Para no Cartório de Paz trabalhar.  
Vivi novamente com a minha gente,  
Mais trinta anos, até aposentar.  
Residindo em Miguel Calmon,  
O segundo grau completei.  
Na Universidade Estadual de Jacobina,  
O Curso de Letras realizei.  
Durante vinte e sete anos ensinei  
Adultos, jovens e crianças,  
Com eles muito aprendi  
Jamais perder a esperança.  
Agora, então, aposentada,  
Tenho muito ainda a fazer:  
Inclusive, escrever poemas,  
Uma forma de renascer.  
Vivo em paz, com muita fé em Deus,  
Entre a família e amigos que fiz.  
Será que haverá outra receita,  
**Para viver bem e feliz?**

---

<sup>7</sup> Esta Autobiografia foi publicada na obra “Espaço para meus Poemas” – de Dalva Almeida Silva